

PRÓLOGO

AS DUAS FACES DA MOEDA

Luiz Pinguelli Rosa

Por que escrevi este livro? Para me distrair, lembrando gente e coisas boas com senso de humor, e para desabafar sobre as ruínas com mau humor, mas com ironia. Iniciei-o pelas reminiscências sobre lugares e épocas, sem saber se um dia o publicaria, lembrando pessoas queridas, família, amigos, a quem me refiro com carinho. Depois passei a outras questões, inclusive políticas. Aí entraram também os inimigos, aos quais me refiro com todo respeito (como se diz ao falar mal de alguém). À medida que avance no texto, o leitor notará uma passagem das lembranças e sentimentos pessoais para a crítica racional (em nada pós-moderna), não só à ditadura militar da direita e ao dogmatismo neoliberal, mas também aos erros da esquerda.

Por que alguém lerá o livro? É mais difícil responder. Alguns porque concordam com minhas ideias ou porque vivenciaram a época que retrato, ou porque conhecem, de nome e fama, alguns personagens. Vários deles povoam ou povoaram a vida pública e intelectual do país. Outros o lerão para ver se a história que conto concorda com suas visões ou por se identificarem com uma narrativa típica da minha geração. Ou talvez por sentirem-se derrotados em alguns de seus ideais, como eu. Conto uma história comum. Sem grandes feitos pessoais, porém sem o arrependimento dos que, além de mudarem de lado, renegaram suas origens na esquerda. Uma história parecida com a de tanta gente carregada pela ascensão social na época em que o milagre econômico (hoje chinês) era aqui (o Haiti é aqui, diz um verso de Caetano e Gil). Gente que, de acordo com suas possibilidades, resistiu à ditadura da direita exercida pelos militares e teve de vencer o medo da repressão que prendeu, torturou e matou tantos

patriotas. Gente que, depois, resistiu ao neoliberalismo civil e enfrentou a repressão ideológica do pensamento único da globalização, que capturou vários egressos da esquerda. Em vez da coragem de se expor à perseguição policial, foi preciso firmeza para não cair no canto de sereia do fim da história, com o colapso do socialismo real (soviético e suas variantes) e com a desmoralização da política, no vale-tudo do capitalismo global sem limites.

Escrevo na primeira pessoa, pois conto o que vi e como entendi as coisas. Falo, portanto, de mim mesmo, como um espelho refletindo o que acontecia à minha volta. Reconheço que nesta reflexão pode haver distorção, tal como nos espelhos curvos. Entretanto, embora pessoal, o livro pretende ser de memórias políticas, colocando nos dois pratos da balança derrotas da esquerda, de um lado, e vitórias, de outro. Como predominam as derrotas e há ao fim a grande derrota (epílogo) pensei em chamá-lo “Memórias de um derrotado”. Mudei de ideia, não para esconder o sentimento de derrota, mas porque mantenho a esperança.

Na América do Sul, a esquerda teve vitórias eleitorais no século XXI elegendo Lula e Dilma aqui, Michele Bachelet no Chile, Tabaré Vasquez e José Mujica no Uruguai (de esquerda moderada); Hugo Chavez e Maduro na Venezuela, Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador (nacionalistas bolivarianos); Nestor e Cristina Kirchner na Argentina, Fernando Lugo no Paraguai e Ollanta Humala no Peru (no meio-termo). Entretanto, não creio que todos os governos eleitos pela esquerda tenham sido bem-sucedidos.¹ Nem que as vitórias sejam permanentes ou levem ao socialismo democrático. Mas são vitórias na resistência ao neoliberalismo.

1 | Houve importantes governos nacionais populares na América Latina: Lázaro Cárdenas no México, na década de 1930; Jacobo Arbens na Guatemala (1951–1954); Victor Paz Estenssoro na Revolução Boliviana de 1952 (voltou ao poder mais de uma vez, mas de 1984 a 1989 fez um governo neoliberal); Velasco Alvarado no Peru (1968–1975); e o socialista Salvador Allende no Chile nos anos 1970 [J. L. Fiori, *Revista Diplomacia, Estratégia e Política*, n. 9, 2009]; acrescento Vargas e Goulart e, os mais recentes, Itamar Franco, Lula e Dilma.

Na América Central e no Caribe, voltou ao poder na Nicarágua, por meio de eleição, Ortega, um líder da Revolução Sandinista. O socialismo resiste em Cuba, mesmo após Fidel e seu irmão Raúl Castro deixarem o governo. Participei de reuniões com Fidel e com Ortega na década de 1980, quando fui a Havana e depois a Manágua, ainda em plena atmosfera revolucionária.

Enfim, o neoliberalismo foi abalado pela crise mundial deflagrada nos Estados Unidos em 2008. A vitória de Obama foi um avanço. Propôs mudanças no sistema de saúde. Interveio na economia para lidar com a crise do mercado desregulado pelo neoliberalismo. Mas a incursão no Paquistão, para assassinar Bin Laden, violou as leis internacionais. Todavia, o poderio bélico norte-americano não consegue aniquilar a resistência de povos árabes, que não se reduz à violência do terrorismo. Recusam o mundo monolítico, onde todos têm de pensar igual, e rebelam-se contra ditadores patrocinados pelo Ocidente. Nos costumes, porém, têm práticas atrasadas.

O domínio norte-americano foi ofuscado pelo enigma da China, pouco afetada pela crise mundial de 2008 e pela pandemia de Covid-19 em 2020-2021. Incorporou práticas capitalistas, mas mantém o planejamento estatal e o Partido Comunista no poder (“decifra-me ou devoro-te”).² Estive na China pela primeira vez quando lá se vivia a ressaca da Revolução Cultural de Mao e do despotismo do chamado “bando dos quatro”, liderado por sua viúva. Voltei muitas vezes para reuniões acadêmicas e durante as visitas dos presidentes

2 | Apesar de sua cultura milenar ter superado em muitos aspectos durante séculos a ciência do Ocidente, que trouxe do Oriente conhecimentos e técnicas [L. Pinguelli Rosa; *Tecnociências e humanidades*, Paz e Terra, 2005], a China no século XIX foi dominada pelas potências ocidentais. Na Guerra do Ópio, em 1840, a Inglaterra obrigou a liberação do consumo deste tóxico que vendia aos chineses. Na época da Segunda Guerra Mundial, quando a China foi invadida pelo Japão, Mao Tsé-tung aliou-se com a direita de Chiang Kai-chek na luta de libertação nacional. Expulsos os japoneses, Mao derrotou a direita e levou ao poder o Partido Comunista em 1949 [Wladimir Pomar; *A Revolução Chinesa*, Ed. da Unesp, 2003]. A Coppe, quando fui diretor, criou um Centro China-Brasil em cooperação com a Universidade de Tshingua, em Pequim.

Lula e Dilma, podendo ver de perto a arrancada e as contradições do “socialismo de mercado”.

O título *De Vargas a Lula* demarca um período histórico entre dois governos de enorme importância para o Brasil, mas não significa uma comparação entre os dois, nem uma afirmação de que Lula seguiu Vargas. Começo pelas minhas raízes, dizendo de onde vim, antes de falar das lutas de que participei (não como causa e efeito). Euclides da Cunha dedicou uma parte de *Os sertões* ao homem, depois de descrever a terra (de forma monótona) e antes de narrar a luta (de forma eletrizante) em Canudos. Falo da minha vida entre-meando fatos históricos – como os vi ou ouvi de meus pais, ou como os li –, recordando ao mesmo tempo a minha terra, o Rio de Janeiro. Valho-me muitas vezes de lembranças da música popular para ilustrar fatos e marcar épocas. Falo de minha família, da minha infância na estreita rua Teófilo Ottoni, no Centro, e da amplidão do Engenho de Dentro, onde me expandi adolescente (para o bem e para o mal).

Narro coisas triviais da vida, pois uma história sem elas fica sem graça. Parece comida insossa. As pequenas coisas que permanecem em nossas lembranças constituem o sal da vida. Elas nos diferenciam como indivíduos, cada um com sua trajetória, e ao mesmo tempo nos igualam como seres humanos, com paixões, medos, erros e acertos. Faço comparações pitorescas do Rio com lugares do mundo por onde passei graças às minhas atividades acadêmicas. Falo da minha vida profissional desde meu tempo no Exército, depois na engenharia nuclear e na física, cujos cursos de pós-graduação ajudei a criar na UFRJ. E nos cursos interdisciplinares que criei na Coppe: de planejamento energético e ambiental e, depois, de história da ciência e da técnica e epistemologia, hoje no âmbito do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza.

Para emoldurar os fatos políticos, narrarei em dez tempos os momentos que vivi, sintetizados a seguir em tópicos curtos, no estilo de redes digitais.

1. Na infância, na rua Teófilo Ottoni e no Engenho de Dentro, vi a simpatia dos meus pais pelo segundo governo de Getúlio Vargas,

- quando ele fundou a Petrobras, e a reação popular ao seu suicídio, com o qual sustou o golpe da direita e elegeu Juscelino.
2. No colégio Pedro II do Engenho Novo, participei do movimento de boicote aos bondes da Light na época de Juscelino, cuja posse a direita tentara impedir e foi garantida pelo general Lott, em quem depois votei, derrotado por Jânio.
 3. Na Academia Militar das Agulhas Negras, ouvia Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, pela Rádio da Legalidade, reunido com outros cadetes que, contra o ministro do Exército, general Odílio Denis, apoiavam a posse de João Goulart, contestada pela direita após a renúncia de Jânio.
 4. No Batalhão de Manutenção da Divisão Blindada, na condição de tenente, quando houve o golpe da direita em 1964 e fui chamado a responder à Comissão Geral de Investigações do general Estevão Taurino de Resende, por ter-me manifestado no quartel contra a deposição de João Goulart.
 5. Na Sociedade Brasileira de Física (SBF), como secretário-geral, quando esta se opôs ao Acordo Nuclear com a Alemanha, na época da ditadura, e como membro da comissão que denunciou o pretenso teste nuclear na Base Aérea de Cachimbo.
 6. Na fundação da Associação dos Docentes da UFRJ e da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, das quais fui presidente ao tempo da luta pela anistia dos professores atingidos pelo AI-5 e das greves nacionais das universidades federais, que confrontaram a ditadura.
 7. Na Coppe/UFRJ, como professor e diretor,³ na luta pela universidade pública, pelo desenvolvimento da tecnologia nacional e contra as privatizações.
 8. No Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, que coordenei no tempo

3 | Fui o diretor da Coppe por cinco mandatos, dois deles consecutivos e um deles interrompido para presidir a Eletrobras, e fui coordenador do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ por um mandato. Estiveram na Coppe ou no Fórum de Ciência e Cultura três premiados com o Nobel, Carlo Rubbia, Joseph Rotblat e Mario Molina; Noam Chomsky esteve também na Coppe e Eric Hobsbawm participou comigo de debate em Parati.

- do movimento pela ética na política e pelo impeachment do presidente da República em 1992 e, depois, na campanha contra a fome e a miséria lançada pelo Betinho, de quem me tornei amigo.
9. Em organizações internacionais, como o Pugwash – fundado por Einstein e Bertrand Russell contra as armas nucleares –, e na Convenção da ONU sobre Mudança do Clima, onde, representando a universidade, contribuí para responsabilizar os países ricos por suas emissões históricas de gases.
 10. Ao presidir a Eletrobras no primeiro mandato de Lula, de cujas campanhas para presidente participei desde 1989, de cujo governo discordei em alguns pontos que discuto no texto, embora o tenha apoiado em muitos outros.

Esses dez tempos distribuem-se em oito capítulos seguidos de um epílogo e agrupados em duas partes – “A vida” e “A luta” – compostos de dezessete seções. Digito este texto vendo o rio Sena do quarto de um pequeno hotel, em uma viagem a Paris para uma reunião sobre hidrelétricas e aquecimento global, para discutir uma pesquisa do meu grupo. Escreveram-se bons livros de memórias da resistência à ditadura, muito pouco da resistência ao neoliberalismo e quase nada juntando essas duas faces da mesma moeda, como tento fazer.⁴ Mas não busquem aqui inconfidências e intrigas. Encontrarão apenas críticas intelectuais e políticas. E episódios como aquele em que apresentei a futura presidente (Dilma) ao futuro presidente (Lula). A abordagem não é precisamente cronológica, mas temática. Não trato da luta armada, que admiro, e das organizações da esquerda. Há bons livros sobre este tema.

4 | Agradeço pelos dados à dona Dalva, minha mãe, e à Dominique, à Fátima e ao José Luís da Coppe/UFRJ.